

# O NORTE do DISTRITO

QUINZENÁRIO de FIGUEIRÓ DOS VINHOS



Avança

Órgão Nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria

25 de Agosto de 1966

Proprietário: Dr. Ernesto Lacerda

Director e Editor: Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado

Chefe da Redacção: Prof. A. Paula Santos

ANO XIV

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OPICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL - FIGUEIRÓ DOS VINHOS - TELEFONE 7

N.º 328

## O MURO DA VERGONHA MISSA NOVA FILARMÓNICAS

**Q**UE os comunistas da Alemanha de Leste tenham tido o atrevimento de erguer na madrugada de 13 de Agosto de 1961, o «Muro da Vergonha» foi sem dúvida um acto de audácia.

Procederam eles por ordem da Rússia, sem dúvida, pois nada de importante ou grave se faz na Alemanha de Leste sem pela Rússia ser ordenado ou consentido.

Mas foi uma audácia da Rússia e da gente de Pankow. Imagine-se que os norte-americanos atiravam contra os primeiros tijolos malamontados um camião a toda a velocidade e derrubavam aquele desafio! Ousaria a Rússia declarar a guerra por isso? Claro que não!

Quando ela bloqueou Berlim e cortou as comunicações entre a antiga capital e o Mundo livre, os ingleses e os americanos começaram a abastecer Berlim livre (250 000 habitantes) de alimento e matérias primas e produtos de todo o género. Ao Cabo de 100 dias em Tempelhof e Gatow, os dois aeroportos de Berlim ocidental, descia um avião de quatro em quatro minutos. E a Rússia, ao cabo de quase um ano, desistiu do bloqueio. Tentou ela impedir os ocidentais de sobrevoarem o território da Alemanha de Leste? Nem por sombra.

Este precedente podia ter servido de norma para o procedimento dos aliados ocidentais no caso do muro, que vista a inércia ocidental foi crescendo até à altura de cinco metros e se coroou de arame farpado. O muro foi chamado, pelos alemães, «Muro da Vergonha». Certamente queriam dizer ser uma vergonha...

Todavia o muro é de autêntica vergonha. Mas não para os alemães de Leste ou Oeste, que são apenas vítimas; vergonha, sim, mas para a política ocidental que a afronta ao Mundo livre não opôs mais que protestos platónicos.

Quando vice-presidente, Johnson visitou o «Muro da Vergonha» e depois o visitou o malogrado presidente Kennedy. Estas visitas foram sem dúvida um protesto. Mas apenas platónico. Kruchchev e Ulbricht devem ter-se rido.

A linha de demarcação de toda a Alemanha livre está inchada de minas, guardada por polícias de fronteira, os temidos «vopos». Mas as fugas que antes eram quotidianas se pode dizer — até se levantar o Muro fizeram subir a cerca de três milhões os alemães que de Leste fugiram

para Oeste e um dos grandes problemas do governo federal foi observar esta população. Constituía ela um testemunho clamante contra o comunismo.

Construiu-se o Muro (as fugas davam-se em Berlim) e tornou-se rigorosa a vigilância ao longo da linha. Há mais de 600 postos de vigilância subterrâneos, 430 torres de vigia, mais de 100 postos de observação disfarçados entre a ramagem das árvores, «cavalos de frisa», barragens de estrada, etc. Mas das próprias forças de vigilância fogem praças que não querem disparar sobre alemães.

De 1953 até ao fim de 1964 fugiram para a República Federal 18 969 membros das forças armadas de Leste. E, apesar das ameaças de morte as fugas continuaram, apesar de constituírem grave risco de vida.

Desde a construção do Muro até Dezembro de 1964 foram abatidos na linha de demarcação 112 fugitivos e ao longo do Muro, isto é, em Berlim, foram assassinadas 88 pessoas até 9 de Agosto corrente.

É o Muro uma afronta à humanidade e à civilização. Mas mantêm-se.

É há uma ONU, que tanto se preocupa com as populações de Angola e Moçambique (cujo teor de vida U Thant se recusa a conhecer, apesar de repetidamente convidado a fazê-lo mas não se molesta muito nem pouco com o sequestro de 18 milhões de alemães de Leste. Os de Pankow levaram o descaramento a celebrar o quinto aniversário do Muro com uma grande parada militar, em que os soldados de Leste desfilaram pela «Unten der Linden» (que fica na zona soviética da cidade) com as armas enfeitadas de flores. Há quem considere isto descaramento. Mas talvez eles tenham razão para a festa.

O muro resultou um êxito: o Ocidente sujeitou-se a deixar matar, por comunistas, alemães que pretendem ir da Alemanha para Alemanha.

Há pouco Willi Brandt e os seus colegas na direcção do partido social-democrata quiseram ter uma conversa com delegados categorizados do partido comunista de Leste, conversa que se realizaria ora em Hanovar ora em Chemnitz, isto é, alternadamente na parte ocidental e na parte oriental. Mas a dada altura o Governo de Pankow proibiu a continuação da conversa. Na verdade, como haviam de justificar os delegados do S.

Pode dizer-se que Figueiró esteve em festa no próximo passado dia 21, para comemorar o feliz acontecimento e regozijar-se, como é seu geito, sem exuberâncias, mas intimamente repleta de alegria e consciência dos seus deveres para quem, elevando-se, a eleva e engrandece.

O Sr. Padre Manuel da Silva Martins, nosso ilustre e estimado conterrâneo, subiu os degraus do altar da sua e nossa Igreja, para cantar a missa nova, iniciando a sua carreira sacerdotal assente numa formação familiar honesta e digna, num curso brilhante e, sobretudo, numa vocação por todos reconhecida e admirada.

O vasto templo da nossa terra foi pequeno para acolher nas suas naves tão grande número de fiéis, devotados amigos do novo Sacerdote, que quiseram com a sua presença manifestar a consideração e estima que lhe merece.

As cerimónias decorreram brilhantíssimas, dentro do ambiente solene de que sempre se revestem, e a elas assistiram desde as mais altas entidades do concelho e pessoas de representação, até ao povo anónimo e bondoso da região.

Após as solenidades, realizou-se nas amplas salas da Escola Secundária Municipal, um almoço de confraternização a que assistiram algumas centenas de pessoas de todas as categorias sociais que decorreu no melhor ambiente, durante o qual alguns oradores tiveram oportunidade de pôr em relevo a excelsas qualidades que ornava a figura do nável Presbítero.

No limiar de um caminho que antevemos orlado das sebes mais formosas, desejamos ao Rev.º Padre Silva Martins as maiores felicidades no desempenho da sua transcendente missão, e um apostolado muito longo e fecundo.

### Conselho Municipal

Vai reunir-se no próximo dia 2 de Setembro, pelas 15 horas, na Sala das sessões da Câmara, o Conselho Municipal, a fim de discutir e votar o Plano de Actividade e as Bases do orçamento Ordinário para o ano de 1967.

E. D. o «Muro da Vergonha» e que se matem alemães por quererem ir da Alemanha para a Alemanha? E o Muro entrou no sexto ano.

O Comércio do Porto fazia, há tempo, numa correspondência de Viana do Castelo, o elogio das filarmónicas. «Nada há — escrevia o correspondente de Viana — que possa substituir, numa romaria, a banda de música. Podem pôr altifalantes, podem atirar para o ar as músicas que quiserem, — o concerto nas tardes e noites de romaria, com a banda no seu coreto, vistoso e policromado, o maestro no seu pequeno estrado, o povo atento, em volta, ouvindo deliciado as melhores peças do repertório, os solos de clarinete ou de trompette, tudo isto é insubstituível. A banda de música é tão essencial numa romaria como a procissão». Confesso-me absolutamente de acordo. Ainda pertencemos ao número daqueles que não compreendem, na verdade, uma romaria, diremos mesmo uma festa ao ar livre numa vila ou aldeia, sem a presença de uma filarmónica. Não há canções, marchas, músicas mais ou menos pseudo folclóricas, gravadas em disco e transmitidas através de aparelhos sonoros, que valham uma filarmónica, marcial nas suas fardas, reluzentes nos seus instrumentos, tocando em plena rua. Eça de Queiroz, com a viva percepção das realidades que o caracterizava, descreve na *Ilustre Casa de Ramires*, o efeito que produzia a filarmónica fazendo-se ouvir, ao domingo, no coreto existente no largo do quieto e caseiro burgo de Oliveira onde decorre parte da acção desse seu romance. A filarmónica tornou-se, de facto, um elemento, não só de animação, mas de cultura e de convívio, sobretudo nas terras pequenas. Terra onde não houvesse pelo menos uma filarmónica era considerada por muitos uma terra improgressiva. Organizar uma filarmónica constituía, durante largo tempo, o sonho de todo o baírista que se prezasse. Ramalho Ortigão que considerava o fogueiro a coisa mais viva e mais festiva que a imaginação do povo inventara, confessava, uma vez, diante de Rafael Bordalo e de Alfredo de Mesquita, que, se fosse Governo, decretaria o fogueiro obrigatório.

— E eu, a filarmónica — acrescentou Bordalo. — Cada terra havia de ter uma.

— Uma, não: duas! — replicou Alfredo de Mesquita.

E explicou, em seguida, que uma filarmónica, não tendo competidora, acabava por desanimar mais tarde ou mais cedo. Duas, ao contrário, espreitavam-se uma à outra. Mas se hoje já é difícil que uma terra tenha uma filarmónica, que fará duas! E, entretanto, a filarmónica foi, durante largo tempo, na vida portuguesa,

uma elemento constantemente activo de vitalidade e de rejuvenescimento. Todos nós, como dizia Alfredo de Mesquita, corríamos atrás dela, e fomos para onde ela fosse, sob o céu azul e o sol dardejante, entre explosões de bombas, estoiros de morteiros, risadas de foguetes, para a romaria e para o facto histórico, para a procissão e para o arraial, para o bodo e para a representação nacional, para o baile campestre e para a reivindicação. Alfredo de Mesquita estava na verdade. A filarmónica, com os seus instrumentos de sopro e os seus instrumentos de pancadaria, pode servir para tudo: para a festa rija e para a festa amena, para a alvorada e para o fogo preso, para o *paso-doble* e para a marcha heróica.

Segundo se afirma, as nossas filarmónicas atravessam agora, de um modo geral, uma crise. Primeiro, vai faltando quem toque. Dos possíveis executantes, uns abandonam o torrão natal, outros preferem os desportos. Lembra-nos de ter lido que os componentes de certa banda chegaram a vender os instrumentos para comprar botas de futebol. É certo que, numa risonha freguesia das margens do Paiva — Alvarenga —, as mulheres tomaram a resolução de substituir os homens na filarmónica local para que ela se não extinguísse e a freguesia não ficasse privada dos seus acordes. Aliás as mulheres têm fôlego, não só para instrumentos de sopro, mas para muito mais. Simplesmente, o exemplo das decididas mulheres de Alvarenga não será talvez seguido pelas mulheres de numerosas localidades em que as bandas se encontram em crise por carência de executantes do sexo masculino. A agravar esta crise acrescenta-se ainda que os encargos de uma filarmónica — fardamentos, instrumentos, regentes, sede — se tornaram dificilmente suportáveis para as possibilidades da maior parte das respectivas corporações e dos seus apanguados. E, no entanto, entre as corporações que merecem existir e ser, material e artisticamente, coadjuvadas, contam-se estas. De facto, as filarmónicas não constituem núcleos de diversão: constituem núcleos de cultura. Não falta mesmo quem lhes atribua a categoria de verdadeiros conservatórios experimentais que no tocante ao instrumental de sopro, nenhum estabelecimento de ensino oficial conseguiu ainda constituir com vantagem. Efectivamente, quantos músicos de sopro se têm recrutado nas filarmónicas provin-

*Luis Frias Fernandes*  
Médico

**DOENÇAS DAS CRIANÇAS — CLÍNICA GERAL**

TELEPHONE 38 FIQUEIRÓ DOS VINHOS

**MARIA AMÉLIA DOS SANTOS ALVES**  
MÉDICA

**Doenças da boca e dentes**

Consultas s 2.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup> e sábados das 9 às 12 horas e 5.<sup>as</sup> e sábados das 15 às 18 horas.


Telefone 98 FIQUEIRO DOS VINHOS

*Manuel Alves da Piedade*  
Médico

**CLINICA GERAL**

Telefone 98 FIQUEIRO DOS VINHOS

TELEFONE P. P. C. 50



Marca Registrada N.º 107.738

**Ourivesaria Lourenço**

ELECTROBOMBAS PARA TODOS OS FINIS  
Agência PHILIPS - SIERA - PONTO AZUL - NATIONAL - BOSCH



TELEFONE 105 FIQUEIRO DOS VINHOS

Encarrega-se de todos os concertos em RÁDIO e TELEVISÃO

**COBRANÇAS DIFÍCEIS**

trata José Pereira Esteves, em Lisboa e Província.

Travessa dos Arneiros, 15 r/c, Esquerdo — Lisboa-Benfica, telefone 700491.

Anunciar em «O Norte do Distrito» é fazer chegar os produtos de V. Ex.<sup>a</sup> a todo o mundo.

**SEGUROS**

Efectuam-se de Pinhais e em todos os ramos.

JOAQUIM DE MATOS PINTO  
Figueiró dos Vinhos.

Máquina de costura Singer

Cose e borda. Vende-se por 2200\$00 como nova, com garantia por 10 anos. Também vende outras marcas à escolha do cliente

Irolinda Nunes Curado — Figueiró dos Vinhos.

**Elias Tavares Cravo**  
MÉDICO-ESPECIALISTA

Doenças dos olhos - Operações

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, no 1.º e 3.º sábado de cada mês, às 9<sup>h</sup> 30<sup>m</sup>.

**TRILHO Y BLANCO**  
MÉDICO-ESPECIALISTA

Ouvidos - Nariz - Garganta

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, nas 1.<sup>as</sup> e 3.<sup>as</sup> quartas-feiras de cada mês, às 9<sup>h</sup> 30<sup>m</sup>.

**PROPRIEDADES VENDEM-SE**

— Composta de Pinhal, Eucaliptos e Oliveiras, sita ao Barreiro, ou Vale das Albardas de Baixo. Confronta com a estrada distrital e estrada do Campo da Bola.

Casa de Habitação, ao cimo da Vila, S. Sebastião.

Quem pretender dirija-se a D. Alzira Paiva Vidigal, Rua Praia da Vitória N.º 20 — LISBOA-1

Aceitam-se propostas.

Assine este JORNAL

O MELHOR PÃO-DE-LÓ É O DA

**CONFETARIA Santa Luzia**

DE A. C. Campos

TELEFONE 129

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

**TERRABELA-HOTEL**

UM DOS MELHORES DA PROVÍNCIA  
INSTALAÇÕES MODERNAS

BAR — CAFE — RESTAURANTE — BILHARES

Serviços de Casamentos e Baptizados

PREÇOS ESPECIAIS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS  
Telefone PBX — 50

**M. TEIXEIRA**

SUCESSOR DE  
Soç. Comercial Figueirense, L.da  
(ANTIGA PRISTA)

Telefone 81

**FERRAGENS E TINTAS** — AGENTE DA «ROBIALAC»  
Correspondente do Banco Pinto de Magalhães, L.da  
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

**Atenção, Srs. Vinicultores!**

**A DROGARIA GRANADA**

encontra-se à vossa disposição para o fornecimento, nas melhores condições de qualidade e preço, de todos os produtos para a vinificação e trabalhos preparatórios.

Ácido tartárico  
Açúcar cãndi  
Metabissulfito  
Sebo Francês  
Produtos para lavagem e conservação de vasilhame  
Pesa-Mostos  
Pesa-Aguardentes  
Pesa-Vinhos  
Alcool Vínico

USE **VINIT**

O VINIT elimina e combate eficazmente as gorduras rançosas, maus cheiros, maus gostos, sequeiros, baviros, acidez, azedume, podridões, e todos os «males» que atacam o vasilhame.

Antes de vos decidirdes impõe-se uma visita à

**DROGARIA GRANADA**

TELEFONE 135  
Rua Dr. António José Almeida

**Figueiró dos Vinhos**

# O Mito do Amadorismo

(Continuação do número anterior)

A deformação profissional

Uma tal evolução dos costumes desportivos e um tal desvio do ideal olímpico original, não se fizeram sem originar inúmeros protestos. Na vida cotidiana, estes desportistas, libertos dos encargos materiais, revelam-se «sonolentos, apáticos e socialmente inúteis». Estas últimas palavras refletem as críticas dos detractores do tempo, de que o célebre Eurípedes se tornou o porta voz...

«De todos os males que se abateram sobre a Helade, nenhum deles é pior que a raça dos atletas. Estes não aprendem a viver segundo os justos princípios... Qual o lutador, qual o discobolo, coroado pelas suas vitórias que foi jamais útil à Pátria?»... «Eu condeno o costume dos helenos que vão admirar esse homem e lhes tributam honras e festas inúteis...». Mais adiante trata dos campeões gastos — velhos e rejeitados como montão de «farrapos velhos e andrajosos».

«Não se poderia encontrar mais firme condenação. Estas censuras encarnam as críticas duma parte da mentalidade grega, a reacção dos que se poderiam chamar os intelectuais, diante deste primado dado ao corpo, por fins mercenários. «O desporto de hoje, escreve Philostrates no princípio do século III da nossa era, deixou defender o atletismo de tal modo que é uma verdadeira desolação contemplar a maior parte dos desportistas contemporâneos». E o grande médico Galeno lança severos ataques contra o regime alimentar dos atletas e suas consequências: «Acumulando um montão de carne e sangue, têm o espírito como que afogado na lama, incapaz dum pensamento; e esta pobreza de espírito rebaixa-os ao nível dos brutos».

«Também os militares se insurgem: estes atletas demasiado especializados são poucos aptos para a guerra, são irrecuperáveis, sem agilidade nos exercícios».

O tebano Epaminondas, vencedor dos espartanos, ri-se desses atletas «que têm uma tal barriga que precisam de três couças para a cobrir».

## O soborno

Houve de facto muitos excessos, e de todos os géneros. Certos atletas, para quem o que contava era o dinheiro, procuram negociar a vitória. Na 97.ª Olimpíada (388) um certo Eupolos de Tessália, tendo comprado os seus adversários no pugilismo foi descoberto e condenado a mandar erigir com os seus cúmplices, seis estátuas de Zeus em Olímpia. Este caso bem conhecido não foi, nem muito menos, um caso isolado. Os exemplos de fraude e de corrupção descobertos foram imensos. Os Jogos Istmicos, sob a influência corruptora de Corinto, foram cenário de burlas famosas, como por

# Olímpico

exemplo a daquele atleta que prometeu 3000 dracmas ao seu adversário para que este o deixasse ganhar, e depois se recusou a pagar alegando o dever a vitória só ao seu próprio valor.

Aos olhos dos intelectuais gregos dos saudosistas do antigo ideal e dos aristocratas, só duas competições haviam que eram ainda dignas de admiração. Primeiro o pentatlo. Entrado em vigor desde 708, este jogo que compreendia provas de corrida, disco, dardo, salto em compri-

mento e luta, será praticado com entusiasmo por todos os desportistas, sem distinção de classes.

Os defensores da tradição são de parecer que ele exige qualidades de força e de velocidade que correspondem à velha noção do equilíbrio, tanto do agrado dos antigos.

A segunda era a equitação, que teve sempre um lugar privilegiado, sobretudo na estima dos aristocratas, e continuará a ser um apanágio das classes superiores, até à época romana. «Não há, declara Xenofonte, ocupação mais nobre, mais gloriosa que adestrar cavalos para as corridas dos hipódromos». Por isso, Alcibíades, se recusava a concorrer às provas de luta, embora muito dotado para elas, por verificar que alguns dos seus concorrentes eram de baixa origem ou provinham de cidades pequenas e se comportavam como rústicos. Pôs-se pois a adestrar cavalos e a participar em corridas nos hipódromos, alcançando quatro grandes prémios nas famosas Olimpíadas de 416...

Nos jogos antigos, vieram portanto a distinguir-se duas categorias de provas: Uma, em que só podiam triunfar, praticamente, atletas «profissionais e sindicalizados»; e outra, a que não se podiam dedicar senão candidatos que dispusessem de consideráveis meios financeiros. Está-se, assim muito longe do decantado ideal Olímpico

F. ROBILIN

(Em Sciences et Avenir)

## Pagamento de assinaturas

Tiveram a gentileza de actualizar o pagamento da assinatura de «O Norte do Distrito» os nossos prezados assinantes:

— Manuel Almeida Dias, Santa Iria da Azeitona;

— D. Maria Amélia Coelho Lopes, Luanda;

— Mário dos Santos Pereira, morador em Lisboa;

— João Quaresma Mendes, ausente em S. Paulo;

— Carlos Silveira Herdade, ausente em Santos;

— Arlando Herdade Paquete, ausente em S. Paulo;

— Hercúlo Herdade, morador em Faro;

— Aníbal Herdade, residente em Figueiró dos Vinhos;

— Aristarco Mendes, ausente em Manga-Beira;

— Daniel Vaz Abreu, morador no Bairrão.

A todos os nossos melhores agradecimentos.

## PROPRIEDADE Vende-se

óptimamente situada, ao Bairro Teófilo Braga, com frente para a Estrada Nacional.

Possui pequena casa de habitação e terrenos anexos com árvores de fruto.

Sujeita à melhor oferta. Informa esta Redacção.

# PROIBIÇÃO DE CAÇAR

Durante a próxima época venatória de 1966/1967, fica proibido o exercício da caça a todas as espécies, para efeitos de repovoamento, nas zonas a seguir indicadas:

## No concelho de Águeda:

Na área compreendida nas freguesias de Valongo do Vouga limitada a norte, pela estrada de Moita à Macida das Talhadas; a sul pela estrada do Salgueiro ao Moutedo; a nascente, pelo caminho do Moutedo à Macida das Talhadas, passando pelo Talegre, até ao limite do concelho, e a poente, pelo caminho do Salgueiro à Moita, passando pelo Toragal.

## No concelho de Coimbra:

1. — Na área da «Serra de Alhas-tro», compreendida entre as freguesias de Brasfemes, Souzaelas e Torre de Vilela, com os seguintes limites: A nascente com a estrada que liga Brasfemes a Souzaelas; a norte com a ribeira de Agrélo; a sul com a estrada que liga Brasfemes ao lugar de Torre de Vilela (antigo caminho de Cunhais), e a poente com a base da mesma Serra;

2. — Na área da «Quinta da Contraria», domínios do Hospital Sobral Cid, situada nas freguesias de Ceira e Castelo Viegas, limitada a norte, pelo caminho público; a nascente, pela estrada nacional; a sul, pelo rio Ceira, e a poente, pela estrada nacional.

## No concelho de Condeixa-a-Nova:

Nos terrenos circundados pela estrada nacional n.º 342, a partir do ramal que dá acesso ao edifício do Museu Monográfico e Casa de Chã das Ruínas de Conímbriga até ao entroncamento com a estrada nacional n.º 347, seguindo esta estrada até ao sítio de Cabanas (Casa do Cantoneiro); daqui, à direita, pela estrada que vai para Ansião até junto ao pontão sobre o rio dos Mouros, e daqui este rio dos Mouros, até ao sítio conhecido por Chóia da Gala, em frente àquele Museu Monográfico, e daqui uma linha recta até ao referido ramal, seguindo este até à mesma estrada nacional n.º 342 (ponto de partida).

## No concelho de Idanha-a-Nova:

Na margem esquerda do rio Aravil, uma faixa de 1500 passos de largura ao longo da estrada nacional n.º 240 até ao cruzamento do Rosmaninhal, ponto trigonométrico dos Zebros, Casa da Praça, Casas das Cegonhas Velhas, pontos trigonométricos do Cordão, Várzeas, Sarramude e 1500 passos para montante do rio Tejo, cuja área fica compreendida nos seguintes limites: a norte, a mesma estrada nacional n.º 240; a sul, o rio Tejo; a nascente, os pontos indicados na margem esquerda do Aravil, e a poente, os pontos indicados na margem direita do mesmo rio até ao limite do concelho

## No concelho de Mangualde:

1. — Na área da «Serra da Senhora do Castelo» compreendida entre os seguintes limites: a nascente, a estrada de Quintela, a partir da ponte do rio Ludares até ao entroncamento com a es-

trada nacional n.º 16; a norte, toda a zona designada por Serra ou Monte da Senhora do Castelo, a partir do rio, desde a ponte de Quintela, seguindo depois a estrema dos pinhais confinantes com a Serra; a poente, a mesma estrema ou infcio daqueles pinhais e o caminho da Regateira, passando pelo fundo das escadinhas até ao entroncamento com a estrada nacional n.º 16, e a sul, a estrada nacional n.º 16, desde o caminho da Regateira, ao entroncamento com a estrada de Quintela.

2. — Na área da «Serra das Bochinhas» (entre Contenças, Santiago de Cassurrães, Abrunhosa-a-Velha e Póvoa de Cer-vães), limitada a sul, pela estrada das Contenças a Abrunhosa-a-Velha; a poente, pela estrada das Contenças a Santiago de Cassurrães; a norte e nascente, pelo caminho que serve de atalho entre Santiago e Abrunhosa-a-Velha.

## No concelho de Penalva do Castelo:

Na zona compreendida entre o rio Dão, a estrada nacional n.º 329 e a estrada municipal que vai da vila de Penalva do Castelo até à Quinta da Ponte, assim delimitada: a sul, pelo rio Dão, desde a ponte de Santa Clara até à ponte da povoação da Quinta da Ponte; a norte e nascente, desde a mesma Quinta da Ponte até à sede do concelho ao quilómetro n.º 0 da estrada n.º 329, e a poente, pela estrada n.º 329, desde o quilómetro n.º 0, até à ponte de Santa Clara.

## No concelho de Soure:

Na quinta de Arnes e terrenos anexos, circundados pela estrada nacional que liga Alfarelos a Verride, a partir da ponte das Arcias, até à ponte do rio Arunca (próximo do apeadeiro do Marujal), daqui a margem direita do mesmo rio Arunca até à foz da vala nacional de Alfarelos, seguindo a margem esquerda desta vala até ao apeadeiro de Montemor-o-Velho, e deste, a linha do caminho de ferro até à citada ponte das Arcias (ponto de partida).

## Alugam-se

Duas moradas, com 4 casas, varanda e casa de banho no prédio do antigo Café Avenida, na Rua Major Neutel de Abreu (próximo da Shell), um dos melhores locais desta vila.

Quem pretender dirija-se ao seu proprietário

JOAQUIM DA SILVA

## SEGUROS

Automóvel, Responsabilidade Civil, Fogo, Acidentes de Trabalho Agrícolas e todos os ramos autorizados por lei.

Irolinda Nunes Curado—  
Telefone 34—Figueiró dos Vinhos.

Leia e divulgue este jornal

Encomende à Tipografia deste jornal os impressos de que necessite.

Ficará bem servido.

Visto pela Comissão de Censura

# “AMIGOS DE Nem todos são Caçadores PENICHE,”

POR MARIANO CALADO

Se há frases que, mais injustamente, firmam a sensibilidade e a reputação de uma comunidade honesta e hospitaleira, a dos «amigos de Peniche» — no seu vulgar sentido pejorativo de amigos desleais, amigos de quem é bom fugir... — é uma delas. E, contudo, ainda há quem, ingénua ou maldosamente, teime em não reconhecer a veracidade dessa injustiça, afrontando a nunca desmentida hospitalidade dos leais e honrados penichenses, quer através de impensados comentários de imprensa, quer até no desenvolvimento temático de peças de teatro ou películas cinematográficas.

Mas o penichense continua a responder à ofensa com a sua honradez e hospitalidade, e, sempre que possível, conta uma história a propósito.

\*\*\*

Tendo o Cardeal-rei D. Henrique morrido sem deixar descendência, surgiram, como pretendentes ao trono de Portugal, três netos de D. Manuel: Filipe II, rei de Espanha, D. Catarina de Bragança e D. António Prior do Crato. Era ao primeiro aquele a quem a força dava mais direitos, demais coadjuvado pela perfídia que, ao tempo, grassava na corte portuguesa; e um exército espanhol, comandado pelo duque de Alba, invadiu o Alentejo e Filipe foi proclamado rei de Portugal.

Não o reconheceu, todavia, D. António que, à força de vil e uma habilidade diplomática, conseguiu que Isabel Tudor, rainha de Inglaterra e fidalga inimiga de Espanha, pusese à sua disposição um exército de cerca de 12000 homens para, com ele, reivindicar os seus direitos; e, a 22 de Maio de 1589, os penichenses viram desembarcar na sua praia do sul parte dos soldados desse exército, comandados pelo general John Norris.

Depois de uma leve esperança com a guarnição da fortaleza — a que não faltaria, sem dúvida, a indiferença dos poucos portugueses às ordens do oficial castelhano D. Pedro de Gusmão, que suporiam, talvez, com a chegada dos bretões, ser possível a expulsão do invasor hispânico —, a praça foi tomada e o exército inglês caminhou sobre a capital, ao mesmo tempo que a esquadra que o desembarcara em Peniche, sob o comando do almirante Francis Drake, remava a caminho de Cascais e enquanto, por entre o receio de uns e a alegria de outros, chegava a Lisboa a nova do desembarque de D. António, passando a segredar-se, num anseio de esperança, entre os partidários do Prior: «Vem aí os nossos amigos... Vem aí os nossos amigos que desembarcaram em Peniche...»

Entretanto, o exército invasor, sem que o Prior do Crato tivesse a força suficiente para o evitar, avançava na maior das indisciplinas, devastando e roubando as terras por onde passava, até que chegou às portas da cidade, acampando nos altos do Monte Olivete onde, pouco depois, os camhões do castelo de S. Jorge, por ordem de D. Gabriel Niñ, começaram a despejar metralha. Foi grande a surpresa de John Norris, pois D. António, para conseguir o indispensável auxílio

do seu exército, teria garantido não haver necessidade de combater, visto que seria abertamente recebido em Portugal. E, por ordem do comandante inglês, o acampamento foi mudado para a Boa Vista, de onde, após uma leve escaramuça com os castelhanos, retirou de novo para a Esperança.

Dentro das muralhas e durante todas estas manobras, a ansiedade potríotica dos *antonistas* continuava, segredando a ocultas: «Será hoje que chegam os nossos amigos?... Virão hoje os nossos amigos de Peniche?...»

D. António bem deve ter insistido e procurado dar novas garantias; mas um exército composto de mercenários não poderia sentir o patriotismo e a dor do infeliz pretendente e assim, dias depois, em face do desespero do Prior do Crato, refugiava-se inglôriamente em Cascais, na mesma esquadra que o trouxera de Inglaterra e desembarcara em Peniche.

— «Porque não extram os nossos amigos?... Porque nos abandonam os nossos amigos de Peniche?...»

Mas foram baldadas todas as ingénuas esperanças dos partidários de D. António, pois o auxílio que a este fora oferecido teria, por certo, menos o interesse de ajudar generosamente à reconquista da independência de Portugal que humilhar o orgulho e o poderio de Espanha através de um golpe de surpresa, aliás coadjuvado pela suposta fácil sublevação do povo português, cansado de extorções e ignomínias.

Por muito tempo ficou aberta no coração dos «antonistas», como ferida dolorosa, a desilusão dos amigos desembarcados em Peniche, daqueles amigos que esperavam receber como libertadores e que afinal os tinham abandonado. Mas os homens desembarcados em Peniche e que traíram a esperança dos bons portugueses de então, partiram como vieram, não ficaram em Portugal...

A distância — que é tempo de defender uma sensibilidade e uma honradez afrontadas sem razão —, consola verificar que não foi penichense algum a trair o compromisso sagrado de uma amizade ou a desiludir a esperança de um infeliz. E ainda hoje, a única resposta que os penichenses encontram para a afronta impensada e injusta daqueles que os julgam amigos infieis, amigos em que não há que acreditar — afronta que atinge o cúmulo de se olhar com insólita desconfiança para uma pessoa somente por saber-se que ela é de Peniche! —, é continuar a oferecer sempre uma carinhosa hospitalidade, mas também, com a firmeza dos simples, é responder como um ilustre médico penichense o fez a um seu colega quando, uma vez, com uma pontinha de ironia — o que eram os «amigos de Peniche»: — «Olhe, meu caro: «amigos de Peniche», são uma cáfila de patifes que eu tenho encontrado por toda a parte, menos lá!...»

E, ressalvada a generalidade, compreende-se nitidamente, e justifica-se, o sentido imperioso da resposta: era um filho de Peniche a repudiar, com amargura, a injustiça de uma afronta de três séculos!

Erradamente, denominam-se caçadores todas as pessoas que um dia se lembram de adquirir uma espingarda. Admitindo com toda a boa vontade uma latitude que permita a inclusão dos atiradores de «stand» porque algumas vezes vão às batidas das perdizes, não se pode porém consentir por maior generosidade que se posua, lá porque andam de arma em punho, essa denominação aos que caçam passarinhos nas árvores, ou aos que por herança entraram na posse de uma espingarda e da qual só se servem para atirar a alguma cotovia que vá debicar numa eira; e muito menos os furtivos, que a utilizam unicamente em esperas nocturnas ou de qualquer outra forma sempre em contravenção com a lei.

Considera-los caçadores é ofender os verdadeiros, que levaram toda a vida praticando este desporto honestamente, onde despenderam o melhor dos seus anos e as suas energias, com conhecimento absoluto do que andam a fazer e como devem conduzir-se com uma arma na mão.

A caça é um dos passatempos mais agradáveis e proveitosos para a saúde e para o espírito, tendo ainda a vantagem de concorrer para a nossa alimentação, o que nos tempos que vão correndo é de considerar. Aos que ao exercício da caça chamam barbaridade ou vício, direi que oxalá que todas as barbaridades e vícios não dêem piores resultados do que este.

E' frequente ouvir-se dizer aos que nunca sentiram o prazer da caça que só gostaríamos de a praticar no prato; mas o que é certo é que, daqueles que se entregaram de alma e coração a esta modalidade desportiva, muito poucos deixaram este prazer sem ser por motivos estranhos à sua vontade, antes pelo contrário: à medida que fazem progressos vão de ano para ano tomando maior gosto pelo exercício venatório.

Naturalmente que as vantagens que deste desporto resultam para a saúde dos caçadores transformam-se em prejuízos, desde que se pratiquem excessos de qualquer natureza.

Há porém várias formas de eaçar e quem for prudente poderá tirar com a sua prática tão apreciáveis benefícios que não receio em recomendá-los a todos, velhos, novos, fortes e fracos.

Infelizmente nem todos podem entreter-se a caçar nas suas horas livres, e não o podem fazer por falta de caça perto de onde habitam, porque esta vai escasseando cada vez mais, não só pelo aumento sempre erescente de caçadores e o constante aperfeiçoamento das armas, como também pelo arroteamento de terrenos, descuido nas providências para a repovoação e reprodução de caça indígena e, muito principalmente, por falta de medidas efieazes para a sua protecção no tempo do defeso.

Uma das razões que afastam mais as pessoas do exercício de eaçar é o medo que têm de que lhes possa acontecer algum desastre, influenciados pelo que a imprensa volta e meia noticia.

A verdade porém é que esses acidentes só sucedem aos imprudentes. O verdadeiro caçador é cauteloso e leva a espingarda de maneira que nunca possa atingir qualquer pessoa, e quando a caçar não a traz em posição que lhe embarace a marcha nem os movimentos, ou que constitua perigo para si.

Sempre existiram duas classes de caçadores, o amador e o profissional.

Enquanto o amador, salvo excepções, pratica unicamente o desporto cinegético para distracção das suas actividades quotidianas, não se preocupando a investigar a vida e costumes dos animais, interessando-lhe só matar muita caça, para o que procura nos «stands» o seu adestramento, não se poupando a despesas, evitando fadigas e rodeando-se de todo o conforto possível, o profissional vê na caça uma maneira de angariar uns escudos, não tendo para ele a faceta desportiva nenhum significado, e como desde muito novo estudou praticamente todos os hábitos e preferências dos animais, tornou-se verdadeiro mestre na arte de

bem caçar. Isto não constitui novidade para ninguém. Considere-se, apesar de não se manifestar, superior aos senhores que o visitam e, de facto, assim o demonstram aqueles, pois sempre que resolvem ir caçar à sua região o contratam para lhes dirigir as voltas, acatando por bem todas as suas indicações; e na esperança de serem colocados nos melhores lugares da linha oferecem-lhe cartuchos, boas mendas e dão-lhe vestidinhos para os filhos. Tudo isto não passa afinal de uma demonstração de falta de conhecimentos que os obriga à dependência do rural.

Este, que é esperto e vê nessas ocasiões a oportunidade de satisfazer alguma pretensão, não deixa escapar o momento, com a certeza absoluta de ser atendido com a melhor das boas vontades, e o Sr. Caçador da cidade, muito cioso da sua posição social, entrega-se incondicionalmente ao saber do sagaz caçador do campo, aceitando a sua superioridade cinegética que este tão bem sabe explorar.

E' pena que a comodidade, a negligência e o dinheiro colocuem certos caçadores amadores inteligentes e cultos, numa situação de inferioridade em tudo contrária à lógica. Mas valham-nos as tais excepções, que são bastantes, para salvação da honra da classe e para travar o atrevimento do campónio, que certamente existiria, se não fosse o receio de topor com algum verdadeiro caçador desportivo, muito superior a ele tanto a matar como a caçar. Quando al acontece é vê-lo humilmes e subservientes e, vamos lá, justiça lhes seja feita, reconhecem imediata e sinceramente a diferença que existe entre ambos.

Se não fossem as tais confusões provocadas por serem considerados caçadores desde os passarinhos e todos que possuem uma arma, de que quase não fazem uso, até aos que têm uma antiga numa panópia, certamente que a arte de eaçar estaria mais prestigiada, e mais respeito mereciam os seus velhos pergaminhos, que nenhuma outra modalidade desportiva poderia igualar.

DA REVISTA «DIANA»

## FILARMÓNICAS

ciais para as nossas orquestras sinfónicas! Recorda-nos do conhecido musicólogo Humberto d'Ávila contar, um dia, certo episódio elucidativo. Em determinada festividade a filarmónica de Cambres tocava, com agrado geral, no coreto do jardim público da localidade. A dada altura teve de interromper o concerto para que se exhibisse, no mesmo local, um grupo de artistas de variedades. Um dos executantes da banda comentou:

— Se eles são artistas, nós também o somos!

O homem, mesmo que tivesse sido o do bombo, por consequência o da pancadaria, não deixava de ter a sua razão.

Do Boletim dos Autores

Assine este JORNAL

## OBRAS

### Da rede de águas

Decorrem com grande morosidade as obras de substituição da rede de abastecimento domiciliário de água nesta vila.

As ruas continuam desventradas, oferecendo aspecto desolador e dificultando o trânsito de veículos e pedes.

Agora que se aproxima a época das chuvas vão, concerteza, avolumar-se os inconvenientes e prejuízos resultantes da indisciplinada orientação e penoso arrastamento dos trabalhos.

Podem-se providências.

## Casamento

Na Igreja Matriz desta vila, realizou-se no dia 21 do corrente, o casamento da Sr. D. Maria Isabel Almeida da Silva, professora do ensino primário oficial, filha da Sr. D. Maria da Conceição Almeida e do Sr. Manuel Godinho da Silva, considerado proprietário do vizinho lugar do Douro, com o nosso prezado amigo Sr. José da Conceição Simões, zeloso empregado da Agência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, nesta vila. filho da Sr.ª D. Maria da Conceição Simões e do nosso estimado assinante Sr. A'lvoro dos Santos Conceição, proprietário e industrial em Figueiró.

Apadrinharam o acto por parte da noiva, a Sr.ª D. Maria da Conceição Carvalho Baptista e marido Sr. Manuel Clemente Baptista e, pela do noivo, a Sr.ª D. Elvira da Conceição Santos e marido Sr. Albino dos Santos.

Foi celebrante o Rev.º Padre Manuel da Silva Martins, que dirigiu aos noivos uma bonita alocução.

No final da cerimónia, foi servido aos numerosos convidados, nas salas da Casa do Povo, um fino copo d'água.

Ao novel casal, que vai fixar residência entre nós, apetece-mos um futuro repleto das maiores venturas.